

## A presença de um *herói* romano no *De bello Gallico*: uma proposta de estudo

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Arlete José Mota  
Professora UFRJ/Faculdade de Letras/ PPGLC  
Brathair  
[arletemota@yahoo.com.br](mailto:arletemota@yahoo.com.br)  
Recebido em: 22/03/2014  
Aprovado em: 22/05/2014

**Resumo:** O *De bello Gallico* representa um recurso usual para o conhecimento dos povos conquistados, tanto em relação à organização política quanto aos usos e costumes. Deve-se, entretanto, observar que o personagem central do comentário enxerga povos conquistados – e por conquistar – através do olhar do conquistador romano: as instituições e os valores morais são analisados a partir da nomenclatura e conceitos latinos - e da forma de organização política, social e religiosa romanas. César fala de povos de hábitos que seriam considerados exóticos. Alguns povos por vezes são apontados como valorosos moralmente, quando são observadas questões comportamentais, como a dedicação aos exercícios físicos, e também certos pudores pessoais. Escolhendo-se uma análise literária do texto, percebe-se que o autor faz uso de uma série de recursos do texto narrativo como a presença de um narrador, de um personagem central, César, e da localização espacial detalhada. O espaço, as terras por onde fez sentir o poderio romano, formal e exaustivamente definido, apresenta a proposta política do protagonista – mostrando um certo caráter propagandístico da obra. E o destaque dado a personagens ditos adversários do romano, tanto por suas características físicas quanto comportamentais engrandece-os, fazendo com que se tornem dignos de lutar com um *herói*. Partindo destas breves considerações, o presente trabalho objetiva destacar as estruturas textuais que permitam analisar não só o personagem César, mas também os que são apresentados como seus adversários, em especial no Livro VI, quando fala dos germanos.

**Palavras-chave:** personagem, comportamento, herói, César, narrativa

**Abstract:** The book *De bello Gallico* represents a common resource used for the recognition of conquered peoples in relation to their politic organization and their habits and customs. However, we should notice that the main character of the book sees these conquered peoples and the others yet to conquer through the eyes of a Roman conqueror; the institutions, the moral values, the politic, social and religious organization are analyzed through Latin concepts and terminology.

In this book Caesar writes about peoples with habits that were considered exotic. Sometimes, some of these peoples were pointed as morally valiant when it comes to behavior's issues such as their dedication to physical activity and certain personal modesty. Through the choice of a literary analysis of the text we can notice that the author uses a group of resources from the narrative text, like the presence of a narrator, the presence of a main character, represented by Caesar, and the presentation of a detailed geographic location. The locations and the lands where the formal and exhaustively defined Roman power led by Caesar could be felt present the political proposal of the protagonist: it shows the marketing quality of this literary work.

The importance given to the physical and behavior characteristics of some characters that were considered as enemies of the Roman glamorizes these characters, making them worthy enemies to fight against a *hero*. Starting from these brief considerations, the aim of this paper is to highlight the textual structures that will allow us to analyze not only Caesar as a character, but also the other characters presented as his enemies, especially in Book VI when he writes about the Germanic peoples.

**Keywords:** characters, behavior, hero, Julius Caesar, narrative.

Antes de nos dedicarmos a questões relacionadas ao estudo dos elementos narrativos nos *Commentarii de bello Gallico* (*Comentários sobre a guerra da Gália*) de César e aos excertos selecionados, é necessário que façamos algumas reflexões iniciais. Tais reflexões emergem da leitura de um texto que, sem deixar de lado certo caráter propagandístico – afinal há uma carreira política habilmente construída – é um exemplo de um discurso cuidadoso, preparado por um orador de reconhecidas qualidades no trato com a palavra. E César é um romano preparado para argumentar e, principalmente, para vencer nas lides do *forum* – ou nas guerras.

O olhar de Roma, o mesmo olhar do conquistador, que acredita em uma missão dita civilizadora, detém-se nos hábitos, costumes e formas de organização político-administrativa dos povos considerados estranhos ou até mesmo exóticos. Vencedores contam as histórias. Os germanos, personagens destacados no livro VI do *De bello Gallico*, servem de exemplo às assertivas que imprimem ao conquistador romano uma acurada capacidade de observação de uma dada sociedade. Quaisquer que sejam os propósitos de César, diversas e interessantes são as possibilidades de estudo dos aspectos formais e contedísticos do livro em questão. César vai além das proposições que poderiam exemplificar um discurso militar, quando se refere não só a detalhadas descrições topográficas, mas também a aspectos históricos e características físicas e comportamentais dos sujeitos enfocados. Restam dúvidas quanto à veracidade das informações extraídas do texto e são considerados exagerados os elogios à moral e à fortaleza de caráter dos povos descritos por ele – poderiam contrastar com as atitudes morais de seus contemporâneos. O grande mérito da obra talvez seja mostrar a forma como o romano vê os povos subjugados – além é claro de representar fonte para o conhecimento desses povos. O autor impôs vocábulos latinos para expressar conceitos, práticas administrativas e cultos religiosos, sem observar de fato qual seria o valor dos mesmos para os povos enfocados. Reconhece, contudo, o vigor moral e a força da tradição para os germanos, tão dispostos para a guerra como os romanos. Estes dependiam de desenvolvido talento para elaborar estratégias militares, mantenedoras de seu poderio no mundo da época.

Reflitamos igualmente a respeito das questões que se relacionam à educação do jovem romano. Em outras palavras: o romano, desde cedo, instruía-se para ser dominante (Cf. PETERLINI, 1997, p.131.). A palavra era usada como elemento fundamental para a propagação de um ideal político. O romano acreditava-se superior nas armas e nas leis. Aprendia a argumentar. Como define Hartog (2001, p. 182),

...toda eloquência voltou-se para o fórum, para o discurso de defesa, enquanto, na Grécia, os mais famosos historiadores (...) se mantiveram afastados dos negócios jurídicos: o registro não é o mesmo, a finalidade

difere. Trata-se de uma diferença profunda que separa Roma da cidade grega.

Além disso, há dois temas que devem ser comentados, mesmo que de forma sucinta, pois são fundamentais para a compreensão da obra estudada: o entendimento de César como historiador e a formação da prosa literária em Roma. De César destacamos que é posto em dúvida o valor histórico de suas narrativas. Os *Commentarii* de César refletem uma objetividade buscada pelos seus antecessores. Para Musti (2010, pp. 219-220),

Se não a imparcialidade, a esses escritos de César seja reconhecida ao menos aquela objetividade que resulta do abrir espaço às diversas partes da causa, e do combinar os pontos de vista, ainda que o modo e o resultado da combinação sejam, contudo, sempre a expressão de uma personalidade e do *seu* ponto de vista. Se não a imparcialidade, os *Commentarii* realizam a racionalidade da escrita: no conteúdo, pelo princípio da objetividade que perseguem; no estilo, que não possui apenas a bem conhecida característica do referir-se a si próprio na terceira e não na primeira pessoa do singular, mas recebe e recebia já dos contemporâneos (...) o reconhecimento de uma límpida sobriedade e de uma brevidade agradabilíssima, que por si bastavam para realizar as mais altas exigências historiográficas (...).

Sobre a formação da prosa literária em Roma, ressaltamos as seguintes considerações: o chamado Século de Cícero, no período clássico, segundo a periodização tradicional da literatura latina, é o momento em que destaca a prosa. Além de Cícero, César e Salústio definem certas características da prosa literária da época.

A prosa tem como fundador Catão, o Censor (**Marcus Porcius Cato**, 234-149 a. C.). O *De agricultura* (ou *De rustica*) é o mais antigo texto em prosa. Compôs também a primeira história nacional em latim (*Origines*) que trata da história do povo romano desde a chegada de Enéias até 149- escreveu antes *Anais*, em grego. Preocupava-se em defender o velho espírito romano. Foi enérgico orador. Combateu na Segunda Guerra Púnica e foi cônsul em 195 a. C. Em 184 a.C. torna-se censor e passa então a dedicar-se à reforma moral. Seu ideal era a volta à simplicidade dos antepassados

Quanto ao lugar dos *commentarii*, Cardoso (2003, pp. 123-124) destaca:

São da chamada “época primitiva” as primeiras inscrições latinas em prosa. Têm inestimável valor documental, evidentemente, mas falta-lhes o apuro estilístico que caracteriza as obras literárias.

O mesmo ocorre com os primeiros documentos públicos e privados, que existiam em número bastante expressivo e que podiam ser classificados em diversas categorias: Arquivos, Comentários, Anais, Livros. Os Arquivos ou Atos (*Acta*) são registros de acontecimentos ligados à magistratura. Existiam desde tempos muito remotos até a época de Júlio César, que, instituindo oficialmente os

Atos do Senado e do Povo (*Acta senatus et Populi*), pretendeu documentar tudo aquilo que se decidia nas sessões do Senado e nas assembléias populares, a fim de que se evitassem as falsificações e fosse possível controlar, de alguma forma, as deliberações. Os Comentários (*commentarii*), muitos dos quais anônimos, eram anotações e registros de atos de pontífices e sacerdotes. Os Anais (*Annales*) eram calendários organizados pelo sumo pontífice, nos quais se registravam os dias fastos e nefastos e as datas importantes do ponto de vista político ou religioso. Os Livros (*Libri*) consistiam em anotações sobre feitos importantes de magistrados ou de pontífices. Esses textos, embora não tenham valor literário propriamente dito, são fontes importantíssimas para o conhecimento da história romana.

Em síntese, os *commentarii* representam a memória de um feito político. Podem ser considerados também uma espécie de diário de campanha. Perguntaríamos, então, onde estaria o elo de César com as produções ditas essencialmente literárias. Chegaram até nós os *Commentarii de Bello Gallico* e os *Commentarii de Bello civili* (*Comentários sobre a guerra civil*). De César, como figura pública, destacamos a sua capacidade oratória e argumentativa, elogiadas até mesmo por Cícero. De sua trajetória política, além dos importantes degraus que galgou, citamos as reformas administrativas.

Os *Commentarii de bello Gallico*, em sete livros, escritos provavelmente entre os anos 52-51 a. C., não só relatam as operações militares da conquista da Gália, campanha que durou dez anos, como também fornecem preciosas informações sobre a vida, os costumes e as instituições dos antigos gauleses. Como já citamos, muito se tem discutido sobre o valor histórico e literário do *De bello Gallico*, devemos lembrar, contudo, que César tinha em mente rumos da política interna e externa e propósitos determinados. Há precisão nas descrições geográficas e certos fatos foram constatados. Mais ainda: César vai além das proposições que poderiam exemplificar um discurso militar, quando se refere não só a detalhadas descrições topográficas, mas também a aspectos históricos e comportamentais dos personagens enfocados.

No âmbito literário, salientamos que há uma série de elementos estruturadores do *De bello Gallico* que estão presentes nos gêneros literários narrativos, como, por exemplo: narrador, personagem, localização espaciotemporal- características forjadoras mais tarde do romance. Além disso, podemos perceber certos pontos de tangência com as narrativas épicas, em especial na descrição dos personagens que possuem comportamentos ora contrastantes (em relação ao romano) ora sensivelmente parecidos com os modelos morais aceitos pela sociedade romana. Os adversários de César realçam as virtudes do general (eles mesmos, sob certos aspectos, parecem superiores, como vemos mais adiante).

Iniciamos nossas considerações a respeito dos elementos da narrativa com um sucinto comentário sobre a localização espaciotemporal. As detalhadas descrições geográficas encontradas no texto podem nos levar a considerar que o seu leitor entenderia as dificuldades do trajeto e a superação (física e moral) demonstrada pelo general e por seus soldados. A localização temporal ao contrário é mais sutil. O espaço poderia ser percorrido pelos que desejassem (ou ousassem) fazê-lo; o tempo é registrado na lembrança de quem o viveu. Os fatos podem ser considerados então

possíveis. Uma espécie diálogo se estabelece com o leitor, persuadido da magnitude dos feitos de César. Como salienta Baccega (2003, p. 82),

Para que a persuasão tenha condições mínimas de estabelecer-se, os discursos terão de ser verossímeis, entendendo-se aqui a palavra verossímil como a possibilidade de existência desse discurso já virtualmente prevista naquele domínio (histórico ou literário) e assim reconhecida socialmente. Caso contrário, o ato de “comunicação” não se efetivará. E o discurso cairá no vazio. Ou, como dizem os que trabalham com linguagem, os discursos se “desqualificam”.

Quanto ao narrador, podemos tecer as seguintes considerações:

O texto em terceira pessoa sugere um distanciamento do narrador César do personagem César – que, como personagem, pode ser visto e admirado por suas habilidades bélicas e desprendimento de sentimentos rancorosos em relação ao inimigo germânico; vemos até uma certa generosidade. Pensamos também que há um destinatário: não citado, mas entendido – todos os que de alguma forma possuem poder político em Roma. O posicionamento do narrador César no texto é fulcral para a aceitabilidade ou não (por parte do leitor) de um ideal político-administrativo. Assim define Brait (1997, p. 53):

Qualquer tentativa de sintetizar as maneiras possíveis de caracterização de personagens esbarra necessariamente na questão do narrador, esta instância narrativa que vai conduzindo o leitor por um mundo que parece estar se criando à sua frente.

Sobre os personagens:

César

Em um estudo mais aprofundado a respeito do personagem da narrativa, observamos que, quanto à tipologia César se caracteriza como personagem indivíduo, com qualidades próprias e características pessoais. A participação na obra é clara: protagonista. Ao contrário do que normalmente se afirma em relação a César, não há apenas uma preocupação com a divulgação de um ideário político, há desejo de perpetuação. Concordamos com Jacques Gaillard quando nomeia César como “testemunha de si mesmo” (GAILLARD, 1994, p 74). O personagem César é nominalmente citado; são utilizados também pronomes demonstrativos, indefinidos ou relativos associados ao personagem: marcam proximidade ou distanciamento em momentos em que se fazem necessários.

Desde as primeiras produções consideradas literárias, formadoras de uma literatura latina propriamente dita, reconhecemos elementos que já apontam para os dois primeiros caminhos a serem trilhados pelos grandes poetas latinos: a narração de feitos gloriosos do homem romano e a observação aguçada do comportamento em sociedade, alvos dos poetas do gênero do riso. Parece-nos possível associarmos a figura do protagonista à imagem de um possível herói, querido pelo povo e realizador de façanhas políticas de valor inestimável para o período em que viveu. Chama a nossa atenção o fato de que em suas produções literárias, que não chegaram até nós (o poema

*Laudes Herculis* e a tragédia *Oedipus*) César mostraria seu intento, como afirma Ettore Paratore, “[esses textos] denunciam já o homem enamorado pelas grandes figura de benfeitores e governadores de povos, e desejoso de os imitar e de penetrar nos seus problemas e sacrifícios” (PARATORE, 1983, p. 255). Tal pensamento ganharia relevo se considerássemos o jogo criado por César ao colocar os germanos em situação de antagonistas, adversários realmente qualificados para uma luta com um grande general. Poderíamos ainda comentar que, do processo criativo que resultou na composição dos *Commentarii*, restam, indiscutivelmente, as marcas indeléveis do pensamento do homem romano – domínio e poder. César faz de fato história: “O herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história” (KOTHÉ, 1985, p. 15).

### Os adversários

Há no *De bello Gallico* os adversários que são marcados por qualidades físicas e morais elevadas: os germanos. Afinal, para se destacar as qualidades de nosso general, é necessário um grande adversário. Como opositor do herói criado pelo narrador, não observamos seres individualizados, mas um grupo étnico.

A primeira referência aos germanos (*Germani*) localiza-se já no primeiro livro, primeiro parágrafo, e são os primeiros registros sobre os germanos de que se tem notícia:

*... proximique sunt germanis, qui trans Rhenum incolunt, quibuscum continenter bellum gerunt. Qua de causa Heluetii quoque reliquos Gallos uirtute praecedunt, quod fere cotidianis proeliis cum Germanis contendunt, cum aut suis finibus eos prohibent, aut ipsi in eorum finibus bellum gerunt.*

([Os belgas] são vizinhos dos germanos, que habitam além do Reno, e com os quais lutam ininterruptamente. Por esse motivo os helvécios excedem em valor aos demais gauleses, pois guerreiam com os germanos em combates quase cotidianos, quando ou os afastam de suas fronteiras ou eles próprios combatem nas fronteiras daqueles.)

Os povos germânicos, de certa forma admirados por seu ardor guerreiro, não deixaram de despertar no imaginário romano fantasias a respeito de seus costumes - territórios pouco conhecidos poderiam abrigar seres estranhos e ferozes. Características comportamentais que definem o caráter destes povos são delineadas: os germanos se destacam em especial por sua ferocidade (I, 33):

*Paulatim autem Germanos consuescere Rhenum transire, et in Galliam magnam eorum multitudinem uenire populo Romano periculosum uidebat; neque sibi homines feros ac barbaros temperaturos existimabat...*

(Por outro lado [César] via que era perigoso para o povo romano que os germanos se acostumassem pouco a pouco a ultrapassar o Reno e que

uma grande multidão deles fosse para a Gália; acreditava que esses homens selvagens e bárbaros não se abrandariam.)

Destacam-se neste excerto os adjetivos *ferus*-, -a, -um (“selvagem”; “não domesticado”) e *barbarus*, -a, -um (“estrangeiro”, “que não é grego nem romano”; “selvagem”), que definem claramente o caráter do povo germânico, segundo o narrador.

César preocupa-se em descrever características que distinguem os vários povos que se reúnem sob o nome comum de germanos. Qualifica-os, intensificando o uso de certos adjetivos. Por exemplo: no livro IV, primeiro parágrafo, diz: *Sueborum gens est longe maxima et bellicosissima Germanorum omnium* (“dentre todos os germanos os suevos são de longe o povo mais poderoso e o mais belicoso”); no terceiro parágrafo, informa que os úbios são os mais sociáveis (*humaniores*, “mais humanos”; “amáveis”, “sociáveis”).

É no livro VI, entretanto, que César vai se ater aos hábitos e costumes dos povos germânicos, quando compara os gauleses aos germanos, dos parágrafos 10 ao 29, dedicando aos germanos os parágrafos 21 a 29. César afirma no parágrafo XI:

*Quoniam ad hunc locum peruetum est, non alienum esse uidetur de gallis germaniaequae moribus, et, quo differant haec nationes inter se, proponere.*

(Uma vez que se chegou a este tema, não parece ser inoportuno tratar dos costumes da Gália e da Germânia e em que diferem estas nações entre si.)

Ressaltamos aqui a possibilidade de uma abordagem contrastiva, em que se destaca a posição dos mais ferozes, os germanos. César usa recursos estilísticos-literários que marcam um texto profundamente persuasivo.

Se partirmos da noção de *pius* (o que cumpre os seus deveres para com os pais, a pátria e os deuses) para o romano, veremos que, segundo César, a relação com as forças divinas difere bastante das práticas romanas, em que o *pater familias* pode ocupar até mesmo a posição de sacerdote em seus domínios—além da participação nos cultos públicos. Comenta Funari (1993, p. 15),

Os romanos eram muito religiosos, mas num sentido muito especial da palavra: consideravam o respeito aos rituais como fundamental para a manutenção da vida em sociedade. Esse tipo de religiosidade significava a crença na origem fabulosa de ritos cuja observância era de importância vital.

No parágrafo XXI, diz César:

*Nam neque Druides habent, qui rebus diuinis praesint, neque sacrificiis student. Deorum numero eos solos ducunt quos cernunt et quorum aperte opibus iuuantur, Solem et Vulcanum et Lunam. (XXI)*

([Os germanos] não tem druidas, que presidam às coisas divinas nem se dedicam a sacrifícios. Incluem na quantidade dos deuses, apenas os que veem e aqueles através dos quais amplamente recebem ajuda: Sol, Lua, Vulcano.)

Sua índole bélica é desenvolvida desde a mais tenra idade (*parvulus, -a, -um*: "muito pequeno"). Destacam-se, também no parágrafo XXI, o vigor físico, fruto do trabalho (*labori*) e da aspereza (*duritia*). E, quanto à forma com que César forjou seus personagens, observamos a descrição tanto de aspectos relacionados a questões físicas quanto de valores morais e comportamentais. Segue o excerto:

*Vita omnis in uenationibus atque in studiis rei militaris consistit; ab paruulis labori ac duritiae student.*

(Toda a sua vida consiste em caçadas e em estudos da arte da guerra; desde muito pequenos aplicam-se ao trabalho e à aspereza.)

Do ponto de vista de um romano, é admirável a atenção dada às tradições, mas sua impudícia não é aceita, como vemos no parágrafo XXI:

*Intra annum uero uicesimum feminae notitiam habuisse in turpissimis habent rebus; cuius rei nulla est occultatio, quod et promiscue in fluminibus perluuntur et pellibus aut paruis rhenorum tegimentis utuntur, magna corporis parte nuda.*

(De fato consideram dentre as coisas mais torpes conhecer uma mulher antes dos vinte anos. Nada é ocultado deles, porque se lavam promiscuamente nos rios e usam peles ou agasalhos curtos feitos de peles de renas, ficando nua grande parte do corpo.)

No parágrafo XXII, ao anotar o pouco esmero na agricultura – dedicam-se apenas ao necessário para o sustento - e reconhecer que não há campos demarcados, César tece elogios por tal atitude. Convém lembrarmos de dois conceitos fundamentais para o romano, que se prende aos primeiros núcleos populacionais fundados: *libertas e respublica*. Estas são as razões para o costume de não delimitarem campos:

*...ne assidua consuetudine capti, studium belli gerendi agricultura commutent; ne latos fines parare studeant potentioresque humiliores*

*possessionibus expellant; (...)ne qua oriatur pecuniae cupiditas, qua ex re factiones dissensionesque nascuntur; ut animi aequitate plebem contineant, cum suas quisque opes cum potentissimis aequari uideat.*

(... para que não troquem, seduzidos pelo constante hábito, o gosto de guerrear pela agricultura; para que não se dediquem a obter territórios vastos e que os mais poderosos não expulsem os mais modestos de suas propriedades; (...) para que em seu povo não nasça a ambição por dinheiro – daí nascem as facções e as discórdias; e para que conservem a plebe com espírito tranquilo, uma vez que cada um vê seus bens iguais aos dos mais poderosos.)

Como os gregos e os romanos, respeitam os laços de hospitalidade. No parágrafo XXIII:

*Hospitem uiolare fas non putant; qui quaque de causa ad eos uenerunt, ab iniuria prohibent, sanctos habent, hisque omnium domus patent uictusque communicatur.*

(Não julgam permitido ultrajar o hóspede; aqueles que por qualquer motivo chegam até eles são preservados da injúria e são considerados sagrados. Para os hóspedes, abrem-se as casas de todos e os alimentos são divididos.)

Poderíamos, então, resumidamente, seguindo César, quanto às questões comportamentais, assim qualificar os germanos: a) aspectos positivos: são valorosos guerreiros, hospitaleiros, respeitosos quanto às tradições; b) aspectos negativos: apresentam certa impudicícia e não são piedosos (no que diz respeito à religião). Notamos que as qualidades apontadas por César garantem uma posição quase que equivalente a do homem romano e sua *virtus*. Belicosos e ferozes são os adversários perfeitos. A admiração explícita no texto em algumas passagens estaria relacionada à famosa *clementia* de César ou ressaltaria comportamentos já não tão comuns no romano de sua época.

Finalmente, se o embate entre o protagonista César e seus adversários germanos não tangenciam uma epopeia, a produção literária digna de narrar os grandes feitos de um povo notadamente dominante – e heroico talvez-, as marcas do texto narrativo e a forma aparentemente simples com que o autor relatou sua campanha, deixaram um legado importante. Muito além das possíveis referências textuais como fontes para a história do período e dos povos nomeados por César, tem-se um texto em que podemos observar os limites sutis entre o que era (e é) considerado história e o que se define como literatura.

## FONTE TEXTUAL

CÉSAR, Jules. *Guerre des gaules*. Texte établi et traduit para L. A. Constans. Tome II. Paris: Hachette, 1906.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso – história e literatura*. São Paulo: Ática, 2003.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo (1993:15). *Roma: Vida pública e privada*. São Paulo: Atual, 1993.

GAILLARD, Jacques. *Introdução à literatura latina*. Trad. Cristina Pimentel. Lisboa: Editorial Inquérito, 1994.

HARTOG, François (org). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

KOTHE, Flávio. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.

MUSTI, Domenico. O pensamento histórico romano. In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo;

GIARDINA, Andrea (Org.). *O espaço literário da Roma antiga*. Trad. Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, pp. 187-254.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 1983.

PETERLINI, Ariovaldo Augusto. A retórica na tradição latina. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador. *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas Livraria-FFLCH/USP, 1999, pp.119-144.

**NOTA**

Traduções de nossa autoria.